



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



TITULO: Narrativas culturais nas redes midiáticas

EJE: Extensión, docencia e investigación. Mesa 4. Comunicación y Extensión no XI Congreso Iberoamericano de Extensión Universitária, realizado na cidade de Santa Fé, Argentina, entre os dias 22 e 25 de novembro.

AUTORES: Raruz Keara Teixeira GONÇALVES; Christina Ferraz MUSSE

REFERENCIA INSTITUCIONAL: Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social.

CONTACTOS: raruzakeara@yahoo.com.br

musse@terra.com.br

RESUMEN

Inserido em um panorama global, os processos comunicacionais são importantes elementos na construção dos novos cenários sociais e na transformação das relações interpessoais. Ao valorizar as particularidades do indivíduo e as experiências em comunidade, o artesanato passa a ser uma ponte entre passado e presente, comungando interesses, ideias e formas de vida. Dessa forma, o mesmo atua como um canal de comunicação, através do qual as camadas populares podem se inscrever em sociedade. Logo, a partir de uma exposição sobre a prática artesanal de bordar e um estudo de caso sobre o ateliê Bordados Clareart, busca-se mostrar como o artesanato atua como instrumento de comunicação, afirmação de identidades e preservação e renovação de manifestações culturais.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



1 Introdução

Ao percorrer a história da atividade artesanal tem-se a oportunidade de ir ao encontro da história da humanidade, afinal as práticas manuais estão impregnadas de subjetivações e saberes compartilhados, reflexo da experiência coletiva cotidiana. Em suma, o artesanato é a primeira forma de o homem dialogar com o mundo e com os outros homens.

Logo, o artesanato traz à tona expressões, vivências e opiniões de um determinado grupo, que se dão a partir da forma diferenciada de concepção de seus produtos e dos significados que emanam dos mesmos. Dessa forma, para se compreender o artesanato na contemporaneidade é necessário pensá-lo não apenas como atividade econômica, mas sim como manifestação da cultura, um canal de comunicação alternativo.

Por meio de uma análise sobre o desenvolvimento da atividade artesanal e da representação de seus personagens no cenário social, buscam-se mostrar aspectos da prática manual de bordar e sua importância como mecanismo de reinvenção dos produtos culturais. Ainda apresentar como o artesanato atua como meio de construção de sentidos para as camadas populares, através de uma exposição sobre como o grupo de artesanato Bordados Clareart, da comunidade de César de Pina, em Tiradentes- Minas Gerais, utiliza o artesanato para a construção de uma identidade, isto é, o artesanato funciona como um mediador, um suporte de comunicação entre aquelas pessoas e a sociedade. Sob a perspectiva da folkcomunicação tem-se a oportunidade de compreender a cultura popular como meio de comunicação na formação da malha social.

2 Artesanato: uma história sobre humanidades

A atividade artesanal é datada do período neolítico (6.000 a.c). O ato de polir pedras, a criação de utensílios para armazenar alimentos ou a pintura em paredes podem ser consideradas as primeiras manifestações artesanais e culturais (CHITI, 2003). Dessa forma, pode-se dizer que o fazer artesanal está relacionado com a superação das adversidades humanas, mas também com o processo de desenvolvimento das civilizações em suas distintas formas de inserção e representação social.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Para um melhor entendimento em torno da atividade artesanal, é importante definir o que é o artesanato. Segundo o minidicionário Aurélio, o verbete artesanato tem a seguinte definição: “artesanato vem de artesão e significa a técnica, a arte do artesão; o produto do trabalho do artesão; o conjunto de objetos feitos artesanalmente; local onde se pratica ou se ensina o artesanato” (ANJOS; FERREIRA, 2001, p.72).

Percebe-se que há duas constantes que orientam a atividade, a primeira relacionada com o uso das mãos para a realização artesanal. E a segunda que implica na valorização humana no ato de conceber o produto, de imprimir sua marca no processo criativo.

No século XI, o surgimento das primeiras oficinas de artesanato, onde os aprendizes, sob a orientação do mestre-artesão, confeccionavam adornos manuais, e a criação das primeiras corporações de ofício refletem como o artesanato assumiu um importante papel na construção da sociedade capitalista e no desenvolvimento da atividade comercial e das relações de trabalho em grupo.

Com o advento da Revolução Industrial no século XVIII uma nova forma de concepção de produtos irromperá. Afinal, o homem como detentor de todo o conhecimento técnico passa a se adaptar ao uso de novas ferramentas e de máquinas. A industrialização trará um novo modo de produção, de consumo e de acumulação de capitais, alterando o tecido social, crenças e costumes.

Dessa maneira, ainda que de forma tímida, o artesanato persistiu como atividade econômica, adotando uma nova conotação, tomando para si a responsabilidade de uma produção diferenciada, pautada por novas relações de trabalho e um novo olhar sobre a inserção do produtor, do artesão como agente de transformação social. Segundo Heliana Marinho, o artesanato é uma atividade que expõe questões em torno da atemporalidade e assume um caráter maleável junto às distintas formas de vida adotadas ao longo da humanidade (MARINHO, s.d).

Quanto mais complexa a sociedade se torna ou mais diversificadas ficam as atividades humanas, mais latente fica a problemática sobre as questões entorno do patrimônio cultural. O artesanato retoma o passado, contudo, ao longo dos séculos posteriores à industrialização, o mesmo tornou-se uma alternativa àqueles que não se enquadravam nos esquemas de produção das grandes empresas, o que, para Ricardo Gomes Lima, é a constatação que o artesanato não é algo prestes a sucumbir, é antes uma forma distinta de expressar valores sociais:



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Mas é decorrência da maneira pela qual os grupos sociais se organizam do modo como se pensam, das prioridades e hierarquias que constroem para eles mesmos e para os demais, do que elegem como o melhor, o mais bonito, o mais perfeito a servir de paradigmas em suas vidas, enfim, dos valores sociais (LIMA, 2003, s.p).

Dessa forma, o processo de mecanização produtiva no contexto da industrialização contribuiu para o artesanato se tornar um elemento de resistência cultural, preservando uma concepção de mundo e de produção focada no indivíduo e na transmissão de saberes por meio de uma troca de experiências individuais e coletivas.

No século XX, a discussão sobre o fazer artesanal ganha novas proporções, gerando pesquisas que tratam do processo rudimentar manual. Em 1930, é realizado o XIX Congresso Internacional do Artesanato, reunindo quatorze países europeus, a partir desse, novos serão realizados, tornando-se um meio para troca de experiências na área. As atuações do Centro de Estudos Internacionais do Artesanato da Universidade de Paris, do Instituto Suíço de Economia da Turquia e do Centro Italiano de Estudos dos Problemas Artesanais contribuíram também com estudos sobre o tema (BUENO, 1977).

Os debates sobre a produção artesanal persistiram, entretanto, ainda é recente a aceitação dos produtos artesanais como uma referência cultural. Hoje, reconhece-se que as organizações, comunidades, grupos e pessoas que dependem do artesanato constituem alternativas de inserção social de uma gama de trabalhadores informais:

A criação das chamadas “novas institucionalidades”, personificadas na forma de conselhos, fóruns, governanças, pactos sociais, associações, entre outras, tem despertado a atenção para as inúmeras possibilidades de atuação de pessoas e organizações nos processos decisórios de políticas de desenvolvimento territorial (MARINHO, s.d, p.2).

Pode-se ressaltar, ainda, que a criação de estratégias para a promoção do artesanato são respostas à necessidade de evidenciar direitos históricos à cidadania (MARSHALL, 1987 apud MARINHO, s.d) e de disponibilizar benefícios da economia a estes sujeitos sociais. Logo, a atividade artesanal e o aproveitamento de talentos individuais e coletivos contribuem com a criação de alternativas para a geração de renda, recuperando técnicas de produção artesanal ou não industrial, ainda preservadas em grupos familiares, tribais e comunais (FERREIRA, 1986 apud MARINHO, s.d).



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



A pós-modernidade e a globalização nortearam novos hábitos e relações interpessoais. Em uma conjunção de fatores econômicos, sociais e políticos orientados pelo sistema capitalista tem-se uma nova perspectiva sobre a realidade de mundo, que está em constante transição e movimento.

Neste contexto, na década de 90, a problemática do desemprego e as crises econômicas suscitaram discussões sobre a importância do desenvolvimento sustentável e medidas de inclusão de uma parcela significativa da população em atividades econômicas alternativas. Diante deste quadro, a mídia passou a veicular matérias sobre quem eram esses personagens, dando aos mesmos a possibilidade de disseminar seus pontos de vista. Entre o presente e o passado, entre lugares e não-lugares, tem-se a negociação de sentidos e identidades (HALL, 2001). E nesta arena em que a informação ganha *status* de poder, a circulação de novos discursos se faz possível e traz à tona as vozes e rostos de novos personagens. Dessa forma, esses sujeitos sociais passam a ser vistos e a se incluir nas “lutas por visibilidade” (HENRIQUES, 2002, p.14).

Em torno dessas questões, o artesanato passa a ter na comunicação um meio para canalizar sua potencialidade produtiva, econômica e cultural. Além de adotar novos procedimentos que dêem conta de sua capacidade competitiva de mercado. Nesse sentido, tem-se uma transformação na forma de conceber a atividade, mesclando conceitos intrínsecos de sua natureza criativa e manual com perspectivas contemporâneas, alicerçadas pelas demandas de mercado e público. Dessa forma, a produção artesanal passa a ser vista como elemento significativo da cultura popular, mas também sob a ótica de seu potencial como gerador de renda.

No Brasil, o artesanato é uma resposta às adversidades sociais. De acordo com pesquisa solicitada ao Vox Populi pelo Instituto Centro de Capacitação e Apoio ao Empreendedor (Centro Cape)¹, hoje, existem 8,5 milhões de artesãos no Brasil, sendo que a atividade gera uma arrecadação bruta nacional de R\$ 52 bilhões de reais.

Dessa forma, o artesanato como manifestação cultural torna-se, além de promotor de transformação social, um meio de comunicação, no qual as camadas populares organizam

¹ O Instituto Centro de Capacitação e Apoio ao Empreendedor (Centro Cape) é uma Organização Não Governamental (ONG), que tem sua sede em Belo Horizonte, Minas Gerais. Criado em 1983, o instituto capacita pessoas em todo o território nacional, atuando nas áreas de treinamento, eventos, políticas públicas e tecnologia (www.centrocape.org.br).



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



uma consciência comum, preservando experiências, formas de educação e recreio. Por meio de uma expansão dos seus pendores artísticos, os artesãos comunicam-se, fazem presente suas aspirações e expectativas à sociedade (BELTRÃO, 1980)

Em um esforço para preservar descobertas e conquistas, o homem cria formas de registrar e de unir vários campos e processos da atividade intelectual. Graças à comunicação, homens e mulheres puderam ter acesso a valores e conhecimentos acumulados por seus ancestrais, alterando maneiras de produção e as técnicas aprendidas, integrando-as em suas formas de vida.

3 Bordando narrativas

A atividade artesanal traz consigo histórias sobre o universo da humanidade, sendo assim, o artesanato é como um livro de memórias, de trejeitos e habilidades, materializando o antes imaginável, dando formas a uma experiência intimista, mas também coletiva, entre o produtor e sua obra. É interessante perceber como a materialização da ideia do artesão na realização da peça imprime não apenas individualidades, como também uma linguagem que, entre linhas, pontos e uma agulha, é escrita sobre uma base, o tecido. Talvez por isso o bordado seja uma das maneiras mais antigas de comunicar valores, histórias de vida, experiências ou impressões intimistas, estas, ainda que não ditas por palavras, podem ser ditas por pontos e cores.

O bordado exprime narrativas intrinsecamente relacionadas à vida feminina. Em sua gênese era uma atividade destinada somente às mulheres. As prendas domésticas, os labores manuais são as primeiras impressões que as mulheres puderam comunicar em sociedade. Quantas recordações e sentimentos não ficaram grafados em motivos de bordados, uma bela astúcia para quem não tinha voz. Controversamente, os bordados eram a representação da clausura da mulher em seus lares, em conventos e colégios, mas também eram a materialização da liberdade, que se dava na escolha de cores e pontos.

Logo, tem-se em evidência um apreço nestas manifestações folclóricas não apenas pelos seus aspectos artísticos, sua finalidade diversional, mas a sua importância como a linguagem do povo, a expressão do seu pensar e seu sentir tantas e tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes (BELTRÃO, 1980).



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Historicamente, acredita-se que o bordado tenha surgido logo após a descoberta da agulha. Registros do ponto-cruz (um tipo de ponto, uma técnica) datam da pré-história. No tempo das cavernas, este ponto servia para costurar roupas feitas de pele animal. A agulha era feita de osso e as linhas também tinham origem orgânica, eram derivadas de tripas de animais ou fibras vegetais. Fragmentos de linho foram encontrados no período de 5000 a.c em expedições arqueológicas no Egito, revelando que o ponto-cruz era usado para cerzir peças de tecido (SEBRAE; ESPM, 2008). Contudo, por ser um trabalho executado em material perecível, muito desta técnica foi preservada apenas por registros históricos, literários e esculturas. “Na antiguidade, os romanos descreviam o bordado como ‘a pintura de uma agulha, mas foram os babilônios que batizaram a técnica” (SEBRAE, ESPM, 2008, p.12).

Já na Idade Média, o interesse pelo bordado torna-se comum no ocidente. Os mosteiros e abadias transformaram-se em verdadeiras oficinas de artesanato. No século XVIII, surgem os primeiros mostruários, contribuindo para a escolha dos motivos (desenho) e das cores. “Nos motivos apareciam a assinatura de quem realizava o trabalho, a data e, às vezes, até mesmo, a idade da bordadeira” (SEBRAE, 2008, p.12).

Com o advento da industrialização, houve um declínio nos bordados, que têm na privacidade dos lares, o lugar para a perpetuação dos conhecimentos. Contudo, no século XX, o artesanato recebe um novo olhar sobre sua função social e comunicativa. O bordado, que era uma atividade elucidativa das tradições domésticas femininas, transforma-se em uma maneira de inserção da mulher na sociedade e até uma alternativa adotada por homens, na escassez da oferta de empregos formais. No Brasil, a prática garante a diversos artesãos um papel importante em suas economias locais. De acordo com o levantamento do IBGE, de 2006, o bordado é a atividade artesanal mais representativa nos municípios brasileiros, sendo encontrado em 75,4% dos mesmos (PORTAL DO ARTESANATO, 2010).

Os dados mostram como o trabalho manual faz parte da realidade cultural do país. Afinal, como afirma Beltrão, não é somente pelos meios convencionais como o rádio, o cinema, a TV, a arte erudita ou a ciência acadêmica que a massa tem espaço para se comunicar, manifestar opiniões. Para ele, em países com altos índices de analfabetismo, como o Brasil, o folclore, é um canal de comunicação. A folkcomunicação é naturalmente um processo artesanal e horizontal, baseado em uma troca entre indivíduos que



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



compartilham mensagens codificadas, uma linguagem, resultante de uma experiência vivenciada pela comunidade (BELTRÃO, 1980).

Dessa forma, a valorização do debate em torno do artesanato na atualidade relaciona-se muito à importância do mesmo no processo de inserção econômica e social de uma parcela expressiva da população do país. E, também, pela proliferação de novos sentidos, pelos valores simbólicos criados por estes personagens sociais e pelo fato da produção artesanal ter ganhado um olhar diferenciado pelo público consumidor.

Vale dizer que a produção artesanal tem em sua essência uma criação pautada pelo trabalho individual, hábil e criativo, que retoma não só as técnicas empregadas pelos ancestrais como também valores enraizados nas relações interpessoais, o que a torna um produto cultural maleável. Isso possibilita uma rearticulação das identidades locais quanto à sua forma de estar e se fazer presentes no mundo (HALL, 2006).

O folclore não pode ser visto como simples elo de manutenção das tradições, revividas ao longo do tempo e espaço por meio da oralidade e da perseverança das classes populares. Como aponta Beltrão, as manifestações culturais não são estratificações, mas explosões revestidas de atualidade (MELO, 2001). Em um processo contínuo de articulações grupais, esta forma de comunicar se reinventa para se adequar às novas demandas de consumo da sociedade midiática.

4 Manifestação cultural e os processos comunicativos

Diante do interesse em analisar as novas perspectivas sobre o bordado como manifestação cultural e meio para a disseminação das expressões dos artesãos, o presente trabalho traz à tona um estudo de caso sobre o ateliê Bordados Clareart, evidenciando a troca de experiências e saberes a partir de práticas comunicacionais inseridas em comunidade. Mas, principalmente, expor como o grupo se utiliza de veículos de comunicação para divulgar o trabalho que os mesmos vêm realizando.

O ateliê Bordados Clareart foi fundado em 2006 e conta com nove integrantes. É um grupo misto, mas, predominantemente, feminino. Desses, oito bordam e uma única pessoa risca o desenho o qual será bordado. As bordadeiras são: Etelvina Raimunda de Resende Silva, Roberta Aparecida Neves Ribeiro, Ivania Jaqueline Resende, Glaycy Aparecida de Resende, Eliana Maria de Freitas, Eliete Consolação de Resende, Marli Resende Silva,



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Rosinéia Aparecida Fernandes. A única pessoa que risca é Moises Jordano Silva. A ele é atribuída a função de gerir as encomendas e a participação em feiras.

O grupo de artesãos faz parte da comunidade César de Pina, distrito da cidade de Tiradentes, no Estado de Minas Gerais, Brasil. Mas está mais próximo da cidade de São João del-Rei. O ateliê funciona na casa da bordadeira Etelvina Raimunda de Resende Silva, que fica na Rua Anésio Resende, nº 133. O grupo passou por várias formações e a sua história foi marcada pelo repasse de saberes:

A minha mãe bordava ponto-cruz, mas sabia os pontos antigos também. Aqui em São João del-Rei tem a tradição de se bordar em casa. Quando a Universidade Federal veio visitar a comunidade em busca de artesãos, todas aqui responderam que sabiam bordar (RESENDE, 2010).

Os artesãos valorizam o resgate cultural e a constante interação com o público, além de buscarem o aprimoramento das atividades através da especialização da mão-de-obra e da atenção sobre as expectativas de seus consumidores. O grupo foi influenciado pela assessoria da Incubadora Tecnológica da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), que prestou atendimento à organização até 2005. Atualmente, os mesmos recebem orientação do SEBRAE, a fim de melhorarem a relação com clientes.

Contudo, para uma maior aproximação com seus públicos de interesse, os artesãos vêm apostando na inserção de seus trabalhos nos veículos de comunicação como recurso eficaz na promoção de seus valores. Ainda a partir desta exposição, a organização tem a oportunidade de ampliar seus horizontes de investimento, comunicar seus saberes e conquistar novos olhares sobre sua produção. A visibilidade, aqui entendida, alarga o conceito da comunicação mostrando sua interface discursiva no propagar, no publicizar:

Se a visibilidade alcançada pela mídia tende a ser efêmera e não se presta para a geração de vínculos a longo prazo, por outro lado, pode ser importante instrumento de apoio para lançar o movimento, propor a causa, como também reforçar as suas ações pontuais, seja por uma cobertura da imprensa, seja pelo seu uso publicitário (HENRIQUES, 2002, p.41-42).

Os Bordados Clareart vêm buscando conquistar um lugar ao sol, utilizando-se da mídia. A mesma que passa a ter interesse nesses conhecimentos produzidos em comunidade, uma vez que os produtos artesanais passam a ser do interesse do grande público, tanto por seus quesitos históricos e tradicionais, quanto pela sua aura singular.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Dessa forma, a comunicação como agente de propagação passa a ser o recurso mercadológico que rompe fronteiras e redefine novos variáveis espaços-temporais.

Conscientes da importância de comunicar seus interesses e suas produções, os Bordados Clareart têm um *blog* na internet, que pode ser acessado pelo endereço www.bordadosclareart.com. Neste, os interessados por artesanato e seus clientes podem conferir a história e trabalho do grupo, por meio de fotos dos bordados ou por comunicados sobre feiras de que participaram e participarão. Moises Jordano Silva é o responsável pela atualização do *blog*.

O grupo tem nos convites às feiras por todo o país outras oportunidades para mostrar seu trabalho, uma vez que são locais de atração pública. No ano passado, a organização esteve na Paralela Gift², no Shopping Iguatemi, no Jardim Paulista, em São Paulo, e na 21ª Feira Nacional de Artesanato, em Belo Horizonte. As feiras são locais para medir a aceitação do público e melhorar a imagem do produto:

A definição dos canais de mão-dupla, em que o diálogo e a troca de conhecimento, informações e percepções sejam insumo para a retroalimentação do processo comunicacional, torna-se vital para a organização social (MELO, 2008, p.15).

Os trabalhos dos Bordados Clareart vêm repercutindo na mídia impressa. Em 2010, o assunto foi divulgado nos canais de difusão no setor de *design* e construção, como a revista *Arquitetura e Construção*, edição de junho, da editora Abril, a revista *Casa e Decoração*, edição de abril, editora *online*, e o Catálogo *Artesanato Minas Gerais/série Tipologias*.

Em uma perspectiva da folkcomunicação observa-se uma incorporação das manifestações culturais populares pela mídia e, em sentido contrário, a apropriação das novas tecnologias por estas camadas populares, a fim de promover uma repercussão sobre os seus produtos culturais. Nestes campos híbridos têm-se vasos de ligação entre as redes da comunicação comunitária e as redes midiáticas, que, em um diálogo constante, suscitam uma reinvenção dessas manifestações culturais populares, que dão conta de novas demandas por estes produtos.

Se o folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a folkcomunicação caracteriza-

² Paralela Gift: Feira de Design e Produtos Contemporâneos ocorre semestralmente. É destinada a lojistas e profissionais da área de design. O projeto foi criado por Marisa Ota em 2001.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar em linguagem popular mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural (MELO, 2001.p. 124).

Alcançar formas de visibilidade garante aos grupos artesanais um passo relevante na luta pelo apoio da opinião pública, conseqüentemente, de mercados. No emaranhado de interesses e vozes que a mídia veicula, o artesanato vem tirando proveito da circulação de informações em torno da sabedoria popular e valores que carrega em si. A partir das manifestações folclóricas tem-se o intercambio de informações, opiniões e atitudes, o que as torna práticas comunicativas relevantes do cotidiano.

5 Considerações finais

Na contemporaneidade, o artesanato irrompe como vetor de mudança na estrutura social, sendo uma possibilidade frente às discrepâncias econômicas. Sua produção diferenciada traz consigo particularidades no ato de confeccionar e criar, tornando-se alvo de desejo pelos consumidores. Ainda como mecanismo de partilha de experiências, a atividade artesanal carrega a função de disseminar conteúdos, práticas e olhares distintos sobre um modo de ser e estar no mundo. Sendo, portanto, um canal de informação em um ininterrupto processo de construção por meio das narrativas de seus agentes.

Entender a comunicação é tomá-la sob o viés democrático, em que distintas instancias de negociação estão a dialogar. A folkcomunicação inaugura uma nova concepção ao enfatizar a liberdade comunicativa através de processos alternativos de invenção e reinvenção dos produtos culturais, que se dão em uma interface entre discursos comunitários e as redes midiáticas.

Referências:

ANJOS, Margarida dos; FERREIRA, Marina Baird. **Minidicionário Século XXI: O Minidicionário de Língua Portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados.** São Paulo: Cortez, 1980.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



BUENO, Nancy. **A disseminação da informação em artesanato**. R. Bibliotecon. Brasília, 1977. Disponível em www.tempusactas.unb.br/index. Data de acesso: janeiro de 2010.

CHITI, Fernández. **Artesania, Folklore y Arte Popular**. Buenos Aires: Condorhuasi, 2003.

CENTRO DE CAPACITAÇÃO E APOIO AO EMPREENDEDOR. **Art'Estruturada**. Disponível em www.centrocape.org.br/projeto/art. Data de acesso: dezembro de 2010.

CHAGAS, Claudia Regina Pinheiro das Chagas. **A conquista do espaço com o bordado**. Associação Nacional de Pesquisa em Educação. Disponível em www.anped.org.br. Data de acesso: 07 de out de 2010.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

HENRIQUES, Márcio Simeone. **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Genesis- Fundação Educacional e Cultural, 2002.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e Arte Popular: duas faces de uma mesma moeda**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em www.cnfcp.gov.br. Acesso: janeiro de 2011.

MARINHO, Heliana. **Artesanato: tendências do segmento e oportunidade de negócio**. SEBRAE/RJ. Rio de Janeiro. Disponível em www.biblioteca.sebrae.com.br/bds. Acesso: dez de 2010.

MELO, Cleiton José. **O processo de comunicação e mobilização social como ferramenta para o fortalecimento de Empreendimentos Solidários**. Centro Universitário Uniero, 2008. Disponível em www.ethos.org.br. Acesso: outubro de 2010.

MELO, José Marques de. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS & FAMECOS, 2001.

PORTAL DO ARTESANATO. **Estudo do IBGE aponta atividades artesanais mais representativas**. Disponível em www.portaldoartesanato.pe.gov.br. Acesso: dezembro de 2010.

RESENDE, Ivania Jaqueline. Entrevista concedida à Raruza Keara em 13 de out. de 2010.

SILVA, Moises Jordano. Entrevista concedida à Raruza Keara em 03 de set. de 2010.